

A marginalidade social e política do protestantismo em São Tomé e Príncipe (do último quartel de oitocentos a meados de novecentos)

Desde o século passado São Tomé e Príncipe acolheu tanto Europeus de várias nacionalidades, que ali se aventuraram à procura de fortuna, como Africanos de diferentes proveniências importados como força de trabalho para as roças. Ali coexistiram diversas confissões, desde a judaica às cristãs, católica e protestantes, para além dos cultos africanos. Nem estes, nem o não-prosélito judaísmo ofereceram oposição significativa à predominância do catolicismo. Ao invés, a actividade protestante no presente século suscitou incomodidade, primeiro nas roças, depois entre as autoridades.

Analisemos, então, dois momentos da presença protestante, reveladores do exíguo espaço proporcionado a formas de consciência alternativas à interiorização da rígida hierarquização social e racial imposta pelas roças e pela política colonial neste século. Mais do que um balanço da presença protestante no arquipélago, pretende-se neste texto elencar os constrangimentos sociais e, já neste século, políticos e administrativos à expansão do protestantismo em São Tomé e Príncipe.

O protestantismo difundido pelos serviços

Entre os serviços contratados logo após a emancipação dos libertos em 1875-1876 encontravam-se protestantes oriundos da Serra Leoa, onde a catequização protestante se iniciara na década de 1840 (Porter 1997). Alfabetizados e com uma postura considerada civilizada¹, poderão ter

1. Arquivo histórico ultramarino (AHU), 2ª secção, São Tomé, M.511, of. n° 10, 1 de Junho de 1878, do curador António Augusto Crispiniano da Fonseca. Limitada a presença de serviços estrangeiros desde finais da década de 1870, a presença de protestantes terá sido residual. O número de serviços estrangeiros voltou a crescer temporariamente na derradeira década de oitocentos quando foram contratados para tarefas relacionadas com a instalação de roças e o alargamento das plantações (ver menção à sua presença no relatório de 6 de Maio de 1897 do responsável da diocese padre José António Pereira, AHU, 2ª secção, S. Tomé, M.528).

divulgado o protestantismo na ilha. Em todo o caso, a sua repatriação, por um lado, a reformulação das relações laborais nas roças na sequência da renovada importação de mão-de-obra de Angola, por outro, terão posto fim a eventuais conversões e esbatido a sua influência.

Posteriores indicações sobre o protestantismo reportam-se já às primeiras décadas deste século. Dos enormes obstáculos à actividade prosélita nas roças encabeçada por serviçais de Angola ficaram os testemunhos dos próprios, recriados em tons sofridos pelo missionário inglês John Tucker (1933 : 75-81). No essencial, os roceiros tentaram proibir as assembleias dos serviçais recorrendo nomeadamente à discricionária penalização dos líderes da catequese e do culto.

Na verdade, as roças não estavam interessadas em quaisquer formas de consciência autónoma e de organização dos serviçais, por mais acomodáticas que elas se afigurassem, em consonância, de resto, com a aparente perda de peso social do discurso religioso que, ao invés dos séculos anteriores, já não parecia capaz de servir nem para a promoção social nem de referente para a acção política. Não obstante, os serviçais parecem ter encontrado na catequização protestante, bem como numa concomitante alfabetização, mesmo se rudimentar, uma forma de afirmação da sua condição humana contra a absolutização dos imperativos das roças. Em resultado da pregação do serviçal Kanja, quando do seu repatriamento em 1928, teriam ficado na ilha 300 crentes. Um outro, Silivondela, por entre a pregação e a escrita, teria deixado 797 convertidos em várias roças. Por fim, em inícios da década de 1930 o próprio Tucker informava da existência de 220 grupos de crentes (*ibid.* : 78, 81). Tais números, independentemente das reticências que suscitem, denotam da vitalidade dessa catequização, prejudicada ou talvez paradoxalmente favorecida pelos óbices dos roceiros à vida social dos serviçais. Na esteira da prática comum a plantações em variados contextos históricos, os roceiros não consentiam na difusão do cristianismo entre os seus trabalhadores, tendo sido capazes de afastar a Igreja católica das roças desde oitocentos. É, por isso, irónico que se tenham visto confrontados com o alastramento do protestantismo por acção dos recrutados, capazes de estribar a sua vivência em valores próprios, que não os resultantes dos ditames das roças.

Neste caso de catequização protestante, escorado na aprendizagem da escrita, acrescia uma indesejada liderança serviçal, ainda potencialmente mais redutora, ao menos no plano simbólico, das distâncias vigentes nas roças. Assim o deveriam sentir os Europeus impreparados para tratar com serviçais cristãos, habilitados que estavam apenas para lidar com pagãos e selvagens. Precisamente, segundo a óptica das roças e do difuso racismo, da religiosidade e da afirmação social dos serviçais só podiam advir duas consequências, a saber, uma larvar rebeldia ou queixas às autoridades. Já no plano religioso, os Europeus, que dificilmente concebiam práticas religiosas de iniciativa dos Africanos, tendiam a considerá-las como fanatismo e credence, cujo perigo era proporcional à suposta boçalidade dos protagonistas.

Conquanto possa ter soçobrado às vicissitudes da importação e da repatriação da mão-de-obra nas décadas subsequentes, a divulgação do protestantismo pelos serviçais parece configurar um dos casos de avanço do cristianismo em Africa na ausência de missionários, logo dos respectivos controlo e paternalismo (Gray 1986 : 140). Como era previsível, este

desempenho dos serviços não correspondia ao desiderato das Igrejas protestantes que apostavam numa presença institucionalizada.

A actividade das missões protestantes

Em São Tomé, as missões protestantes defrontar-se-iam com óbices políticos. Estes relacionavam-se com o desempenho de Igrejas e sociedades protestantes nos fóruns internacionais, centrado na questão da escravatura e referenciado como ponto de partida para as recorrentes críticas à administração colonial portuguesa². Com o 28 de Maio ficou aberto o caminho para as invectivas às missões protestantes na imprensa lusitana para a qual a evangelização protestante não sugeria senão recorrentes acusações de instigação à rebeldia contra a soberania portuguesa. Em contrapartida, a acção missionária portuguesa, pelo seu cunho nacionalista e moralizador, afigurava-se especialmente adequada à natureza do Africano.

Parte destas questões eram irrelevantes em S. Tomé e Príncipe, mas as autoridades agiriam no pressuposto da hostilidade política do protestantismo. Formalmente, a acção missionária protestante iniciar-se-ia na segunda metade da década de 1930, quando missões protestantes lograram remover os empecilhos à difusão da sua crença, mormente pelo alarde da sintonia com o Estado Novo, que se infere da respectiva direcção por Portugueses e das esparsas notas acerca da sua actuação quotidiana.

Entre 1934 e 1935 esteve na ilha um casal de Australianos evangelistas. Para um cronista local, o pastor preparara a instalação de uma igreja e granjeara bastantes adeptos. Já para o governador Vaz Monteiro, que terá ordenado a vigilância policial sobre o dito casal, os filhos da terra não denotariam muito entusiasmo³. Fosse como fosse, em 1934 os crentes foram computados em 289 indivíduos⁴.

O poder preferia missionários de nacionalidade portuguesa, facto decerto ponderado na autorização concedida em 1938 para a instalação de missões protestantes. Entre os fins desse ano e primórdios do seguinte instalaram-se em São Tomé as Igrejas adventista e evangélica, ambas dirigidas por pastores portugueses. A Liga evangélica da acção missionária e educacional sediou-se no periférico bairro de São João⁵. À semelhança da opção dos católicos, também esta Igreja se aproximou do modelo de uma missão e, a par do culto e da catequização, apostou em obras sociais solenizadoras das datas marcantes⁶.

2. Nem tais agremiações nem a Sociedade das nações se atinham apenas à escravatura nos domínios coloniais portugueses (ver, por exemplo, MIERS 1981 : 2). Todavia, em vista dos conflitos atinentes às questões coloniais em décadas recentes e do nacionalismo deles emergente, sobressaía a imagem do passado protestante contra o império português.

3. *Última Hora*, 425, 10 de Julho de 1935 : 3 ; Vaz Monteiro, Relatório confidencial nº 4, 8 de Junho de 1995, gabinete do ministro, 1935, in AHU, 2ª secção.

4. General report of the Rev. Eduardo Moreira's journey in the Portuguese colonies 20th January to 23rd November, 1934, in PATTEE 1959 : 502.

5. Ver *Diário de Luanda*, 1409, 26 de Maio de 1938, p. 4 ; 1520, 17 de Setembro de 1938 : 4 ; 1680, 1 de Março de 1939 : 4.

6. Por exemplo, os festejos de Natal do 1939 na missão evangélica contaram com a respectiva árvore ornamental, brinquedos e objectos ditos de utilidade para as crianças, que recitaram poesias e entoaram cânticos. Registe-se também o costumeiro bodo, na circunstância a trezentos pobres, a distribuição de pão, carne e dinheiro a cerca de uma centena de doentes, além dos óbulos aos presos visitados pelo director da missão no dia 25. A imperativa consonância do labor social da missão com os desígnios das autoridades e dos proeminentes locais selar-se-ia com o agradecimento público do pastor pelos donativos ofertados à missão

A actividade da Missão adventista do Sétimo Dia foi sendo reportada, mormente a propósito das festas litúrgicas. O respectivo pastor organizou na Páscoa de 1939 um recital com as crianças da escola da missão, supervisionado pelo administrador do concelho e encerrado com a entoação da « Portuguesa »⁷. Dito de outra forma, precavendo-se contra eventuais suspeitas, esta missão protestante não se furtou à imperiosa exibição da simbologia nacionalista.

Logo, no tocante aos efeitos políticos da actuação das missões protestantes em S. Tomé – nomeadamente no que concerne a contribuição para o florescimento de uma consciência nacionalista ou proto-nacionalista – eles terão sido limitados por várias circunstâncias. Entre elas, citem-se o peso da tradição católica, o escrutínio da vida dos aderentes bem como da actividade das missões e, por fim, a sua direcção por pastores portugueses. O nulo impacto político não autoriza extrapolações acerca do protestantismo como facto socialmente inócuo. Com efeito, a elevada interacção entre os elementos do grupo caminhará paralelamente à interiorização da fé e da doutrina e, por isso, à maior observância de regras morais, como, por exemplo, a da abstenção da ingestão de álcool⁸. Não se trataria somente da observância de uma regra moral mas da adopção de uma postura social por meio da qual se partilhavam atributos socialmente prezados e, também neste caso, se diminuía no plano simbólico as distâncias sociais drasticamente agravadas pelos efeitos da política colonial dos anos 1930.

As missões protestantes, sem tradição, com diminuto pessoal e poucos meios, recorriam à catequização em conferências com suporte visual⁹, de impacto mais ou menos retumbante dado o marasmo na ilha nesses anos. Sobre a receptividade das mensagens protestantes, sempre subestimada pela Igreja católica, o terceiro quartel deste século poderá ter assistido à sua difusão entre os ilhéus de menores posses, designadamente os apodados de gabões (Eyzaguirre 1986 : 260). Sem elementos para sopesar esta tese, lembremos tão só que as Igrejas protestantes apenas actuaram na cidade e, de quando em vez, nas povoações. Não se pode arredar a hipótese de terem recrutado os seus seguidores entre os ilhéus de menor estatuto social, o que não seria nem necessário nem principalmente à custa da acção assistencial. Aliás, neste domínio as suas possibilidades de modo algum se comparavam às da Igreja católica, que somava ao apoio estatal a boa vontade de alguns filhos da terra. Por todas estas razões, se ainda hoje espanta a aparente vitalidade das Igrejas protestantes e, apesar de tudo, o número das adesões, não deixa de ser verdade ter o protestantismo permanecido socialmente circunscrito.

(ver *Diário de Luanda*, 2001, 23 de Jan. de 1940 : 2, e *Associação dos empregados do comércio e agricultura*, n.º único, 29 de Jan. de 1940). Esta missão manteve-se activa, sendo referida na imprensa em 1942 (*Diário de Luanda*, 2957, 15 de Out. de 1942 : 6). Em Junho de 1948, seria editado em Lisboa um número único do jornal *Pró-Missões* no qual se referiria (1948 : 13-14) a necessidade de missões adventistas em São Tomé para catequização dos serviços de várias « raças ».

7. *Diário de Luanda*, 1738, 29 de Abril de 1939 : 4. Décadas depois, segundo o testemunho do deputado Francisco Tenreiro em 1958, dos estabelecimentos de ensino primário na ilha apenas o da missão adventista estava equipado com boas salas de aula (Oliveira 1993 : 173).
8. Numa das habituais crónicas, Agostinho das Neves notaria que o nativo protestante abominava a aguardente (*O Brado africano*, 843, 23 de Jan. de 1937 : 2).
9. Ver, por exemplo, *Diário de Luanda*, 1680, 1 de Março de 1939 : 4.

Catolicismo *versus* protestantismo

Cumprir, então, esboçar uma explicação para a contida expansão do protestantismo. Em primeiro lugar, os sacerdotes católicos terão tido uma maior plasticidade nos planos moral e doutrinário. Podiam, assim, corresponder às demandas dos fiéis com o desdobramento de cultos e de devoções a santos e à figura da Virgem Maria. Como é sabido, numa reacção contra o racionalismo e a secularização nas metrópoles, os missionários incentivaram em África a devoção a Maria, intensificada, primeiro, pelo dogma da Imaculada Conceição e, depois, em torno das aparições de Lourdes e de Fátima. O culto mariano terá ajudado a ultrapassar a questão da disciplina religiosa (Gray 1986 : 168). Suportada pela panóplia de ícones religiosos, a devoção à Virgem era popular¹⁰ até pela possível apropriação de um símbolo para a concretização da religiosidade autónoma dos ilhéus, a qual remontava aos séculos anteriores (Nascimento 1993) e que, mais importante, podia constituir uma herança familiar. Sem dúvida, tal culto era um trunfo de peso contra os protestantes.

A estes faltava igualmente o calendário festivo a que se ancorava a Igreja católica. Com a sua componente profana e lúdica, as festas representariam oportunidades de integração social a que os serviços aspiravam. A propósito destas mescladas festas religiosas, cumpre dizer que os pastores protestantes, até pelo acento de exigência pessoal, decerto seriam mais intransigentes que os sacerdotes católicos relativamente ao comportamento dos fiéis, por exemplo em relação ao álcool e à poligamia, postura que poderia representar outra desvantagem. Relembre-se, aliás, que pouco importava que a história do catolicismo na ilha estivesse polvilhada de episódios picarescos e moralmente heterodoxos envolvendo sacerdotes, pois que eles não revelavam senão a imbricação social da Igreja, suportada pelos ilhéus notáveis. Na verdade, no que ao arquipélago respeita, faz pleno sentido falar do peso da tradição e de laços sociais enformados pela religiosidade católica. Apesar da laicização da sociedade, ainda era importante a valia das confrarias e irmandades, como o tinham demonstrado os conflitos religiosos e políticos durante a República (Nascimento [1998]), quando as convicções religiosas se tinham apresentado como o recurso capaz para a resistência à arbitrariedade europeia.

Não obstante, era notória a perda do discurso católico como instrumento de diferenciação social ou como guia de orientação da actividade política autónoma, por isso mesmo meticulosamente lapidado como uma das facetas ideológicas do Estado Novo. Na ilha, o peso do catolicismo foi reforçado quer pelo declínio económico, quer pelas condições políticas a partir dos anos 1930, especialmente opressivas em vista da pequenez e do isolamento do meio, cuja ligação ao exterior se resumiu quase só à exportação de géneros e à importação de mão-de-obra¹¹. Ao tempo, enfunado pelo regime, o catolicismo voltou a ser um pilar da vida social local. Como se viu, a elite dos ilhéus assentava parte da sua proeminência na prática católica ritualizada e socialmente inócua. Quanto aos Europeus, uma vez chegados às colónias por norma abandonavam a prática religiosa, quando não também os preceitos morais. Na circunstância, esta foi a atitude tolerada aos

10. Com respeito ao culto mariano em São Tomé, ver VAZ 1989.

11. Tais circunstâncias desfavoreciam a renovação dos protagonismos, ao invés, por exemplo, da intervenção, por vezes norteada por doutrinas protestantes, dos Caboverdianos retornados da América (ver ROBERTS 1986 : 537).

Europeus de baixa condição social. Porém, num ambiente tornado pró-confessional, as vidas do escol europeu foram objecto de escrutínio de várias autoridades e mesmo de governadores¹². A adopção de uma religião diversa, não importa se cristã, constituía um princípio de potencial sedição, sendo encarada com reservas. Neste ambiente, todos os ilustres, Europeus e São-Tomenses, eram como que coagidos a alhear-se do protestantismo, votado aos marginais e aos aparentemente condenados ao imobilismo social.

O investimento doutrinário, aspecto nalguma medida descurado pela Igreja católica, podia ser um primeiro passo da realização pessoal dos conversos ao protestantismo. As missões protestantes podiam ainda ter beneficiado da prevalência do sentimento de exclusão entre os ilhéus acentuado pela política colonial do Estado Novo, caso tivessem incorporado no seu discurso metas de cariz social e identitário. Porém, até pelas condições políticas e pela natureza do meio são-tomense, ao protestantismo estava vedada a difusão de uma mensagem de resgate dessa marginalidade social capaz de suscitar amplas adesões. O contrário sucedera nas roças onde, por exemplo, a alfabetização reposicionara os serviçais no mundo, permitindo-lhes refazer os laços com o meio de origem e, assim, reaver parte da sua identidade social¹³. Mas, como se viu, as roças eram um terreno fechado ao apostolado, mesmo se católico, estando os serviçais sujeitos à discricionariedade dos roceiros, um traço herdado do século XIX a que se acomodaram sucessivos poderes e a Igreja católica. Deste modo, os serviçais continuavam ou à margem da catequização ou, quando muito, destinados à ocasional pregação e aos rituais católicos em razão da condescendência de alguns roceiros.

Em suma, as condições do êxito da catequização protestante entre os serviçais eram as mesmas que o confinavam socialmente. De forma algo especulativa, diríamos que o protestantismo, ao refazer os laços dos serviçais com a terra natal – fosse pela materialização da comunicação epistolar, fosse pelo sentido de comunidade ressurgido nas roças –, confirmava o seu desenraizamento local. Logo, quando não fosse pelas clivagens étnicas, esse desenraizamento e a posição socialmente periférica dos serviçais não lhes permitiam ser nem veículo de movimentos religiosos para o exterior das roças nem exemplo para os ilhéus. Afóra isso, a acção dos pastores portugueses deveria ser policiada e politicamente inócua. Por consequência, conquanto noutras colónias a pregação protestante transportasse no seu bojo instrumentos de criação de uma identidade política autónoma (Gray 1986 : 150), em S. Tomé e Príncipe esta viria a ser formulada com recurso a outros instrumentos e paradigmas.

12. Gabinete do Ministro, in Vaz MONTEIRO, *Correspondência, relatório confidencial n° 6, 12 de Junho de 1937, do governador*, AHU, 2ª secção.

13. Conquanto noutros casos a alfabetização pudesse equivaler, até por circunstâncias económicas e políticas, a um passo meramente instrumental com vista a tornar os sujeitos mais permeáveis à catequização (MALINOVSKI 1966 : 17), a verdade é que nas roças a alfabetização terá eventualmente resultado num ganho que, embora económica e socialmente limitado, era valorizado pelos serviçais.

Vejam, por fim, os esforços católicos contra os movimentos protestantes que, na década de 1950, contariam com cerca de 3 000 seguidores¹⁴. Para além da cifra, em si mesma não desprezível, a mobilização católica foi, acima de tudo, motivada pelo dinamismo dos movimentos protestantes. Atente-se, por exemplo, na inauguração a 1 de Dezembro de 1956 do templo adventista da cidade¹⁵, facto significativo por duas razões. A primeira respeitava à escolha do dia do aniversário da restauração da independência, o que equivalia à infirmação da ideia do portuguesismo como um apanágio exclusivo do catolicismo. A segunda ligava-se com a própria edificação do templo, sinal da capacidade de concretização de realizações materiais tão ao jeito da época e do regime. Ademais, em finais da década de 1950 as Igrejas protestantes já operantes na ilha, juntar-se-ia a *Watch Tower* ou Testemunhas de Jeová.

A reacção da Igreja católica tinha de ser diferente da década de 1930, quando os sacerdotes, habituados à exclusividade no arquipélago – diferentemente, por exemplo, de Angola ou da vizinha ilha de Fernando Pó onde conviviam com Igrejas protestantes (Clarence-Smith 1986 : 543) – teriam sugerido a conveniência da remoção do referido pastor australiano. Nos anos 1950, a resposta da Igreja católica passou pela publicação de um mensário, denominado *Luz do Evangelho*, com insistente doutrinação e, sobretudo, noticiário de matiz propagandístico claramente avesso ao protestantismo. O aparecimento do *Luz do Evangelho* é de realçar pelo facto de pôr termo a um vazio de publicações missionárias. Este facto, longe de ter apenas um significado religioso, por certo se relacionava com a percepção das pequenas inflexões políticas e mudanças sociais em São Tomé e Príncipe em meados do século.

Com efeito, embora de forma algo especulativa pode-se dizer que as preocupações dos sacerdotes católicos se prendiam com a maior liberdade de movimentos a pouco e pouco concedida aos serviços e, ainda, com os projectos governamentais de radicar segmentos de população exógena com vista à recriação de um tecido demográfico exterior às roças, tal a política intentada, por exemplo, por Gorgulho. Ora, ao invés dos ilhéus, estes desenraizados não estavam necessariamente vinculados ao catolicismo¹⁶.

14. Os adventistas teriam, em 1952, 174 e, em 1957, 234 adeptos. Para este ano, a totalidade dos protestantes seria calculada em 410 pessoas, cifra talvez subavaliada (Bingle & Grubb in PATTEE 1959 : 503). Segundo outros dados, por volta de 1950 existiriam 2 900 protestantes contra os 49 700 católicos (CLARENCE-SMITH 1990 : 199). Para a década de 1960, de acordo com fontes católicas não teria variado muito o número de protestantes, embora se registasse um avanço do catolicismo. Assim, segundo dados publicados em 1962, teríamos 9 888 pagãos, 56 000 católicos e 2 788 protestantes (REGO 1962 : 35). Numa edição actualizada em 1964, refere-se idêntico número de protestantes para um total de 54 479 católicos. Nessa publicação é ainda referida a existência de duas missões protestantes, com oito filiais, dezanove missionários e vinte auxiliares (REGO & SANTOS 1964 : 49). Anote-se, ainda, que num artigo jornalístico posterior se alude à existência de menos 5 000 protestantes (RUIZ, Fernando Medina, « Na rota de Vasco da Gama », *A Voz de S. Tomé*, 796, 1 de Julho de 1967 : 3).

15. *A Voz de S. Tomé*, 267, 8 de Dez. de 1956 : 4.

16. De acordo com a sua interpretação do meio são-tomense como próximo das sociedades plurais, EYZAGUIRRE (1986 : 316) deduz da ideia dos vínculos religiosos, institucionais e identitários a diferentes comunidades étnicas, a propensão dos serviços e de ilhéus de baixa condição social para a adesão ao protestantismo; todavia, outros factores, que não apenas a diferenciada integração social de diversos comunidades, potenciaram essa

Logo, exigiam algum esforço dos missionários no sentido de travar o avanço protestante, desiderato que só futuros estudos poderão revelar se foi, ou não, alcançado.

Para o período em causa, diríamos que, não obstante o número de adeptos granjeado, o protestantismo permaneceu como uma confissão religiosa socialmente confinada. Afora as razões históricas, pesavam o baixo estrato social e a marginal integração dos seus membros. Na falta destas circunstâncias de ordem social, a vigilância policial e a tutela das autoridades coloniais bastariam para retirar qualquer impacto político às missões protestantes no arquipélago.

Para concluir, assinala-se que, se os poucos dados por ora disponíveis acerca das experiências religiosas não deixam lugar a interpretações conclusivas sobre o curso do protestantismo em São Tomé, contribuem, todavia, para a caracterização quer do quotidiano e da proeminência das roças, quer da escassez das trocas sociais entre estas e o meio são-tomense.

Dezembro de 1997

Augusto NASCIMENTO

Centro de estudos africanos e asiáticos
Instituto de investigação científica tropical, Lisboa

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo histórico ultramarino, 2ª secção, S. Tomé, maços 511 e 528
Gabinete do ministro, *maços Correspondência*.

FONTES IMPRESSAS

Associação dos empregados do comércio e agricultura (São Tomé)
O Brado africano (Lourenço Marques)
Luz do Evangelho (São Tomé)
Pró-Missões (Lisboa)
Última Hora, depois *Diário de Luanda* (Luanda)
A Voz de S. Tomé (São Tomé)

BIBLIOGRAFIA

- AMBRÓSIO, A. 1984, *Subsídios para a história de S. Tomé e Príncipe*, Lisboa, Livros Horizonte.
BOURDIEU, P. 1987, *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo, Editora Perspectiva.
CLARENCE-SMITH, W.G. 1986, « Spanish Equatorial Guinea » in A. ROBERTS, ed., *The Cambridge History of Africa*, VII, Cambridge, Cambridge University Press : 537-543.
---- *O Terceiro império português (1825-1975)*, Lisboa, Teorema.
EYZAGUIRRE, P.B. 1986, *Small Farmers and Estates in São Tomé, West Africa*, Dissertation presented to the Faculty of Graduate School of Yale University, mimeo.

adesão, como nem todos os sujeitos daqueles grupos se tornaram protestantes.

- GONÇALVES, J.J. 1960, *Protestantismo em África. Introdução ao estudo do protestantismo em África*, Lisboa, Junta de investigações do ultramar, 2 vols.
- GRAY, R. 1986, « Christianity » in A. ROBERTS, ed., *The Cambridge History of Africa*, VII, Cambridge, Cambridge University Press : 140-190.
- HENDERSON, L.W. 1990, *A Igreja em Angola*, Lisboa, Editorial Além-Mar.
- MALINOVSKI, B. 1966, « Dynamics of Culture Change » in I. WALLERSTEIN, ed., *Social Change. The Colonial Situation*, New York, John Wiley & Sons : 11-24.
- MIERS, S. 1981, « Britain and Suppression of Slavery 1919-39 », Londres, School of Oriental and African Studies, Seminário de história de África : 1-8 mimeo.
- NASCIMENTO, A. 1993, « A vivência religiosa em S. Tomé na segunda metade do século XIX » in *Missionação portuguesa e encontro de culturas. Actas*, vol. IV, Braga, Universidade católica portuguesa : 37-53.
- NASCIMENTO, A. [1998, a sair], « Catolicismo e missionação em S. Tomé e Príncipe », in *Dicionário de História religiosa d Portugal*.
- NASCIMENTO, A. [1998], « Corporações religiosas de ilhéus em S. Tomé e Príncipe do liberalismo à República », *Estudos afro-asiáticos*, Rio de Janeiro, Universidade Cândido Mendes.
- OLIVEIRA, C. 1993, *A economia de S. Tomé e Príncipe*, Lisboa, Instituto para a cooperação económica - Instituto de investigação científica e tropical.
- PATTEE, R. 1959, *Portugal na África contemporânea*, Coimbra, Faculdade de letras da Universidade de Coimbra - Instituto de estudos ultramarinos.
- PORTER, A. 1997, « Bristish Protestant Mission in the Nineteenth Century of Africa : Problems of Context », Londres, School of Oriental and African Studies, Seminário de História de África, mimeo.
- REGO, A. da S. & SANTOS, E. dos 1964, *Atlas missionário português*, Lisboa, Junta de investigações do ultramar.
- REGO, A. da Silva, 1962, *Atlas missionário português*, Lisboa, Junta de investigações do ultramar.
- ROBERTS, A. 1986, « Portuguese Africa » in A. ROBERTS, ed., *The Cambridge History of Africa*, vol. VII, Cambridge, Cambridge University Press : 494-536.
- TINHORÃO, J.R. 1988, *Os negros em Portugal. Uma presença silenciosa*, Lisboa, Caminho.
- TUCKER, J.T. 1933, *Angola, the Land of the Blacksmith Prince*, Londres, World Dominion Press.
- VAZ, Padre F. 1989, *San Men Deçu*, Lisboa, Província portuguesa da Congregação dos missionários do Coração de Maria.

